

**CASAMENTO A QUALQUER PREÇO? MUDANÇAS SOCIAIS E
(IN)DEPENDÊNCIA FEMININA SOB A ÓTICA
DA ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO**

Danielle Brito da Cunha (UFRN)

professoradanibrito@gmail.com

Guianezza M. de Góis Saraiva Meira (UERN)

guianeezzasaraiva@uern.br

RESUMO

O casamento é um evento social que transcende gerações e sociedades, tendo em vista ser uma prática jurídica e, em algumas instâncias, religiosa. Associado ao ideal de felicidade, durante décadas, as mulheres viram, no matrimônio, a realização de um sonho, embora tivessem que comprovar dotes culinários, cuidados com o lar e traquejos na maternidade. Partindo dessa premissa, este trabalho tem como objetivo fazer uma comparação entre trechos do texto “O hábito de engolir sapo para manter marido a qualquer preço”, na obra “O melhor de Carmen da Silva”, organizada por Laura Civita, e dois vídeos no *Instagram* do Pastor @claudioduarte. Nesse sentido, interessamos verificar as mudanças socioculturais e as noções sobre (in)dependência feminina imbricadas nesses discursos. Para isso, recorremos aos postulados da Análise Crítica do Discurso, especialmente aos preceitos de Fairclough (2008). Os resultados indicam que há um certo grau de liberdade de escolha, isto é, as mulheres têm o poder de decidir sobre seu estado civil, graças às mudanças socioculturais, principalmente o ingresso no mercado de trabalho e a consequente independência financeira. Ademais, o humor nas postagens nos permite inferir que o casamento não deve ser visto como “um fardo” ou como uma instituição que demanda, apenas, obrigações.

Palavras-chave:

Casamento. Feminismo. Mudanças socioculturais.

RÉSUMÉ

Le mariage est un événement social qui transcende les générations et les sociétés, en vue d’être une pratique légale et, dans certains cas, religieuse. Associées à l’idéal du bonheur, pendant des décennies, les femmes ont vu, dans le mariage, la réalisation d’un rêve, bien qu’elles aient dû prouver des compétences culinaires, prendre soin de la maison et des compétences dans la maternité. Partant de cette prémisses, ce travail vise à faire une comparaison entre des extraits du texte *L’habitude d’avalier une grenouille pour garder un mari à tout prix*, dans l’ouvrage « *Le meilleur de Carmen da Silva* », organisé par Laura Civita, et deux vidéos sur *Instagram* de Pasteur @claudioduarte. En ce sens, nous nous intéressons à vérifier les changements socioculturels et les notions de (in) dépendance féminine imbriquées dans ces discours. Pour cela, nous recourons aux postulats de l’Analyse Critique du Discours, en particulier aux préceptes de Fairclough (2008). Les résultats indiquent qu’il y a un certain degré de liberté de choix, c’est-à-dire que les femmes ont le pouvoir de décider de leur état matrimonial, grâce aux changements socioculturels, en particulier l’entrée

sur le marché du travail et l'indépendance financière qui en résulte. De plus, l'humour des messages permet de déduire que le mariage ne doit pas être vu comme « un fardeau » ou comme une institution qui ne demande que des obligations.

Mots clés:

Féminisme. Mariage. Changements socioculturels.

1. *Considerações iniciais*

A relação marital é uma pauta recorrente nos meios de comunicação de massa, sejam eles impressos, sejam televisivos e digitais. Dicas de como agradar ao parceiro, de como sair da rotina e de como comemorar as bodas são alguns assuntos recorrentes na imprensa feminina, principalmente na revista *Claudia*. Já no âmbito digital, as páginas do *Instagram* que discutem os relacionamentos na atualidade têm ganhado cada vez mais seguidores, haja vista elas contemplarem a prática do aconselhamento e a discussão de assuntos que são de interesse da população.

Mediante esse contexto, este trabalho tem como objetivo fazer uma comparação entre os discursos presentes no texto “O hábito de engolir sapo para manter marido a qualquer preço”, na obra “O melhor de Carmen da Silva”, organizada por Laura Civita, e em dois posts, em formato de vídeo, no *Instagram* do Pastor @claudioduarte.

Nos discursos escolhidos para compor o *corpus* deste artigo, interessa-nos verificar as mudanças socioculturais e as noções sobre (in)dependência feminina imbricadas nesses discursos, à guisa da Análise Crítica do discurso. Para isso, recorreremos aos preceitos da corrente social de Fairclough (2016), bem como aos postulados de Sztompka (2005) para discutir as noções sobre mudanças sociais, de Melo (2017) para fundamentar sobre discurso religioso, de Meira (2016) e Del Priore (2020) para versar sobre independência e direitos femininos.

Os resultados nos levam a inferir que o “consultório sentimental” é uma característica forte em ambos os discursos e que há pontos de convergência e divergência entre as formas de aconselhamento da escritora Carmen da Silva e do Pastor Claudio Duarte, conforme evidenciaremos nas análises deste texto. Ademais, convém pontuar que a independência financeira das mulheres foi um fator preponderante nas mudanças sociais e comportamentais quando o assunto em pauta é casamento.

2. *Mudanças sociais e o discurso religioso: ACD em cena*

A Análise Crítica do Discurso – ACD – é uma teoria-método que está se expandindo paulatinamente no Brasil. Em nossas pesquisas, temos nos ancorado na corrente social desenvolvida por Fairclough, visto que esta se volta para os discursos das minorias e analisa as mudanças sociais em determinados contextos, em dadas esferas, como a política, a jurídica, a midiática e a religiosa.

Partindo dessa premissa, analisar as mudanças sociais acerca do casamento nos deixa na incumbência de resgatar determinados conceitos, dentre os quais iniciamos com o de mudança social, que, na visão de Sztompka (2005),

[...] é a transformação da organização da sociedade e de seus padrões de pensamento e comportamento através do tempo; é a modificação ou transformação da maneira como a sociedade é organizada; diz respeito às variações das relações entre indivíduos, grupos, organizações, culturas e sociedades através do tempo e são as **alterações dos padrões de comportamento**, relações, instituições e estrutura social **através do tempo**. Sztompka (2005, p. 30) (grifos nossos)

Como se pode ver, o tempo é um fator crucial quando se avalia as mudanças que perpassam uma sociedade. As alterações comportamentais, mencionadas pelo autor, nos permitem afirmar que a Instituição “Casamento”, na atualidade, é permeada de novas concepções, novos valores e princípios, embora as normas que a instituem sejam as mesmas há muitos anos. Em outras palavras, as obrigações civis são praticamente estáticas; já as questões religiosas sofreram bruscas transformações, como, por exemplo, a discussão sobre adultério e divórcio.

Acerca dessa vertente religiosa – foco da nossa investigação – Melo (2017, p. 88-9) afirma que a religião exerce uma grande influência nos moldes comportamentais, tendo em vista ser “uma prática social responsável por propagar doutrinas e dogmas, além de influenciar diretamente a vida do fiel”. Essa influência tem se disseminado, nesta pandemia⁶³, especialmente nas redes sociais, isto é, ocorre a midiáticação do discurso do religioso, que, em linhas gerais, significa dizer que “quando os fiéis deixam as missas ou os cultos, eles podem continuar tendo acesso ao ‘fazer’ religioso pelas diversas mídias presentes na contemporaneida-

⁶³ Desde março de 2020, quando foi oficializada a pandemia do vírus COVID-19, as celebrações religiosas presenciais foram suspensas em todo o Brasil. Em alguns momentos, a ida aos templos e igrejas foram flexibilizadas, embora as exigências quanto ao cumprimento dos protocolos de segurança tenham se mantido.

de” (MELO, 2017, p. 89). É exatamente esse “fazer” religioso que constataremos nos vídeos do Pastor Claudio Duarte, em nossas análises.

Ainda sobre a religiosidade, Lemos (2005) ratifica que

[...] é exatamente por trabalhar com questões simbólicas que os discursos religiosos interferem na elaboração e difusão dos símbolos culturalmente disponíveis, dos conceitos normativos, das noções de fixidade e de identidade. Ao interferir na elaboração e difusão destes elementos em conexão com outros campos da cultura, os discursos religiosos penetram no âmago das concepções de vida das pessoas. (LEMONS, 2005, p. 127)

Acerca disso, convém destacar que a identidade religiosa sofre transformações, tal como propõe Bauman (2005) ao defender a ideia da fluidez, da liquidez, da instabilidade do indivíduo. Todavia, o que se vê na atualidade não são mudanças bruscas, como a troca de religião ou negação da fé, sem que haja justificativas plausíveis para isso. Nesse sentido, a fixidade, como afirma Lemos (2005), é uma tendência na pós-modernidade, que pode ser comprovada a partir elementos bem característicos: indumentária, ritos religiosos e crenças por longos anos.

3. Casamento, “sapos” e feminismos

Conforme já mencionado anteriormente, a revista feminina *Cláudia* assumiu o papel de aconselhar as mulheres leitoras sobre diversos assuntos. Em outubro de 1961, despontava nas bancas um meio de comunicação de massa que versava sobre a tríade clássica dos papéis femininos: o de mãe, esposa e dona de casa (MEIRA, 2016). Mais tarde, algumas temáticas passaram a ser recorrentes, como direitos femininos e mercado de trabalho, embora o grande sucesso fossem as dicas sobre como “segurar o marido” e educar os filhos.

Nessa conjuntura, a coluna “A arte de ser mulher”, de Carmen da Silva, contemplava estratégias de como se comportar para arranjar um marido e de como ter uma relação harmônica e feliz. Todavia, é conveniente frisar que esse ideal de felicidade, muitas vezes, era um mero rótulo social, haja vista as mulheres terem de engolir muitos “sapos” para não chegar a um processo de separação, de divórcio. Dentre os mais comuns, citamos o fato de algumas mulheres terem conhecimento do adultério – das relações extraconjugais dos seus maridos – e optarem pelo silêncio, para não provocar uma discussão, um atrito que, para elas, seria desnecessário.

Mediante a sanção de algumas leis e a concessão de alguns direitos, como a Lei Maria da Penha, a Lei do Femicídio e o ingresso da mulher no mercado de trabalho passamos a constatar um novo cenário. O divórcio já não assustava, as agressões já não eram toleradas e “salvar” a relação já não era mais o principal objetivo das mulheres casadas. A respeito disso, Del Priore (2020) explica que a independência financeira foi o principal fator dessa mudança sociocultural. Isso porque os discursos ameaçadores de que os filhos “passariam fome” não surtiam mais efeito, não causavam mais pânico.

Ademais, é basilar enfatizar que os casamentos “arranjados” caíram em desuso e, por mais que a pressão familiar para que as filhas não fiquem solteiras depois dos 30 anos persista nos dias atuais, o número de casamentos diminuiu consideravelmente. As pesquisas de Meira (2012, 2016) ratificam isso, ao provar que a autoestima e a independência feminina passaram a ser primordiais para as mulheres na contemporaneidade.

Além disso, a partir do advento da pílula anticoncepcional, passou-se a discutir sobre a liberdade sexual e o planejamento familiar, pois

[...] no fim dos anos 1960 já se via em toda parte slogans sobre o direito ao prazer. Agora, podia-se considerar a sexualidade feminina, também, uma forma de deleite. Além de permitir-se escolher o parceiro, fazer amor se tornou uma coisa boa, não somente uma maneira de fazer crescer a família. A “mulher liberada” optou por viver uma sexualidade plena, como nunca antes lhe fora facultado. Além disso, o surgimento da pílula tornou a mulher livre para escolher seu destino: concluir estudos superiores ou participar do mercado de trabalho sem ser interrompida por uma gravidez. (DEL PRIORE, 2020, p. 192)

Em síntese, há, notadamente, uma nova era para as mulheres. Escolher o parceiro, a hora certa para casar, planejar o número de filhos e não ter que optar pela carreira profissional ou pela família são alguns fatores que merecem destaque aqui. Vejamos, então, nas análises do nosso *corpus* como o casamento é discutido pela escritora Carmen da Silva e pelo Pastor Claudio Duarte.

4. Casamento a qualquer preço? Uma análise de perto

Passando ao *corpus* selecionado, este artigo se debruça sobre trechos do texto *O hábito de engolir sapo para manter marido a qualquer preço*, da obra “O melhor de Carmen da Silva”, de 1965, organizada por Laura Civita, e dois *posts* do Pastor @claudioduarte, em formato de vídeos curtos, publicados no ano vigente, no *Instagram*. Com intuito de o-

timizar a análise, transcrevemos os conteúdos dos vídeos abaixo e, na sequência, tecemos as análises.

Vídeo I: Tentativa ou tolerância?

Olá, povo abençoado, graça e paz,

As pessoas falam muito comigo: “Pastor, eu já tentei de tudo pra melhorar meu casamento” e eu acredito que elas fizeram muitos esforços pra que isso acontecesse. Mas quando alguém me disse que tentou de tudo, eu faço normalmente a seguinte pergunta: “Tentou onde? com quem? que ferramentas você utilizou?” Eu sei que muitas vezes, quem já não usou uma faca para apertar um parafuso? Quem nunca usou uma ferramenta inadequada pra resolver o problema momentâneo? Por quê? Porque provavelmente não tinha a ferramenta ideal. Quando o assunto é relacionamento, as pessoas toleram mais do que tentam na verdade. Algumas pessoas confundem tentativas com tolerâncias. Por exemplo, se você tem uma doença, você diz, olha eu já tentei, eu fui no clínico geral que me mandou para uma especialista nesse hospital, depois eu fui em outro, e tive o parecer de cinco médicos e realmente a doença que eu tenho ela é incurável, somente Deus pode resolver. Quando nós olhamos para isso ela me diz né, ou essa pessoa tá dizendo onde ela tentou, o que ela fez. Mas normalmente quando um casal, um marido, uma esposa diz, não, eu já tô tentando há quinze anos, há dez anos, há cinco anos e nada muda. A minha pergunta é, tentou onde? Você foi onde? Que tipo de ferramenta você usou? Provavelmente, você ofereceu perdão porque alguém estava chorando e choro não é sinal de arrependimento, certo? mudança é sinal de arrependimento. Quando alguém chora, mas não muda, isso provavelmente talvez seja remorso ou alguma simulação, certo? alguma coisa de alguém dissimulado. Aprenda a lidar de uma forma séria com seus relacionamentos e principalmente o conjugal, procure ajuda, certo? Tente, e tentativa é diferente de tolerância.

Que Deus te abençoe e abençoe a sua casa e a sua família.

Graça e paz.

Fonte: Página do Instagram do Pastor @claudioduarte

Vídeo II: Individualidade e Individualismo?

Olá, povo abençoado, boa tarde! Uma tarde chuvosa aqui em Xerém. Já já nós vamos está caminhando aí pro culto E eu tenho falado com vocês aqui todas as tardes, deixando um trechinho aí do alta performance né? Informações que nós veremos mais à frente de uma forma mais detalhada durante o curso, mas eu resolvi passar para vocês algumas coisas, informações que eu acho pertinentes, bem importantes.

ok...

Nossa proposta é um ambiente onde os detalhes fazem a diferença, ao invés de mudanças extraordinárias bruscas, nós acreditamos que pequenas mudanças, pequenos posicionamentos e reposicionamentos podem fazer toda a diferença no relacionamento familiar num relacionamento conjugal, e hoje eu quero falar com você sobre individualidade e individualismo.

Bom, quando duas pessoas se unem, inevitavelmente cada uma carrega para esse relacionamento os seus hábitos, as suas maneiras, os seus gostos, certo? Essa pessoa traz

consigo informações da família que foi treinado de como reagir, de como lidar com dinheiro, de como lidar com privacidade, de como lidar com contexto familiar. Essas pessoas trazem isso na sua individualidade, e o casamento apesar de respeitar muito a nossa individualidade ele não pode nos fechar individualista, nós não podemos achar que o mundo gira em torno de nós, nós somos o centro e atraímos tudo para girar. Se você tá com a sensação de que o mundo gira em torno de você, é bom procurar um médico porque provavelmente você tá com labirintite. Tenha maturidade para entender, que quem vem viver com você, quem vai se aproximar de você, seja no relacionamento de amizade, seja no relacionamento familiar ou conjugal, é uma pessoa e essa pessoa ela tem o direito de escolher, ela tem o direito de querer, é muito importante. E qual é a grande sacada de um relacionamento? É entender que de vez em quando o desejo do outro prevalece, e de vez em quando o meu desejo prevalece, querer que o meu desejo prevaleça todas as vezes, o nome disso é individualismo. A individualidade ela faz com que em algum momento: “Eu quero ser ouvido” “Eu não quero ir” “Eu não quero fazer” “Eu não gosto” “Não pode ser desse jeito”. Mas, em outros momentos é: “Eu vou”, “Vai ser dessa maneira” “Nós vamos na casa dos seus pais” “Nós vamos a um local que eu não gosto de ir, mas eu vou porque eu sou o seu cônjuge, porque somos uma família”.

É muito importante entender isso, relacionamentos saudáveis não são comportamento individualistas; mas relacionamentos saudáveis são aqueles que são capazes de respeitar a individualidade das pessoas.

Que Deus te abençoe Graça e paz

Amanhã tem mais

Fonte: Página do Instagram do Pastor @claudioduarte.

Com o intuito de fazer uma comparação, sob a ótica da ACD, em uma perspectiva diacrônica e sincrônica entre os dois *posts* e os trechos do texto de Carmem da Silva, começaremos pela descrição e aprofundamento dos discursos do Pastor Cláudio Duarte, para, em seguida, fazer o mesmo trajeto, comparando e levantando os pontos de convergência e de divergência com o texto da jornalista.

Como podemos notar, os dois *posts* transcritos acima giram em torno da temática “casamento”. Embora pareçam discutir o mesmo tema, os vídeos versam sobre assuntos distintos, segundo a visão do pastor Cláudio Duarte. Enquanto o primeiro aborda as ferramentas usadas nas tentativas de recuperar um casamento que estaria passando por algum tipo de crise; o segundo desenvolve, de maneira bem-humorada, uma discussão sobre o que seria individualidade e o que seria individualismo dentro de relacionamentos, com ênfase no casamento.

É preciso, antes de tudo, entender que o discurso do pastor veiculado na mídia social Instagram, embora seja bem-humorado, se engendra dentro do universo religioso, mais precisamente na religião judaico-

cristã-protestante. Assim, como discurso religioso, tem como premissa passar uma lição, um *modus operandis*, sob o qual, os fiéis devem se respaldar/guiar/agir, mesmo que sob a nova configuração das mídias sociais, conforme apontado por Melo (2017), ao defender a midiaticização do discurso religioso, outrora já mencionado.

O uso das mídias, principalmente nessa época em que vivemos uma crise sanitária que nos impede de estarmos juntos presencialmente, esta tem sido bastante explorada pelo clérigo. Mas, é preciso ressaltar que esse uso não é recente, uma vez que as mídias⁶⁴ já fazem parte das ferramentas de “evangelização” de diversos núcleos religiosos, com ênfase nas últimas décadas para as religiões católica e protestante⁶⁵. Dessa forma, como aponta Melo (2017), essa migração das atividades religiosas deu um novo impulso ao discurso religioso que precisou se adaptar à linguagem e comportamentos inesperados⁶⁶.

Nessa direção, o discurso do pastor, naturalmente, é carregado de sua visão de mundo e assume status de verdade, uma vez que emerge de sua sabedoria sacerdotal, mas é perpassado pelo crivo daquilo que pode ou não ser veiculado na mídia. Apesar de não ter, a princípio, as características pressupostas para um discurso religioso, como o uso de um tom mais sério e engessado, arriscando-se por utilizar um tom humorístico que não é comum ao ambiente religioso – ou não era até décadas passadas –, sua fala ainda possui fortes predicados desse discurso, como o dualismo entre o certo e o errado, o aceitável e o não aceitável. Sobre isso, Nogueira (2020) afirma que

[...] estigmatizar sempre foi um exercício comum para a manutenção de poder. Separar a identidade da alteridade, separar o correto do incorreto, o aceitável do inaceitável, o natural do anormal, o branco do preto, o gordo do magro, o sacralizado do profano. Estas ações eram (e ainda são) singularmente mais substanciais nos regimes teocráticos, em que o domínio da fé denota o domínio do poder. (NOGUEIRA, 2020, p. 24)

⁶⁴ O uso de canais de rádio e televisivos já faz parte do nosso cotidiano desde meados de 1947.

⁶⁵ Podemos citar o exemplo da compra da Rede Televisiva Record pelo Pastor Edir Macedo.

⁶⁶ Uma vez que esse discurso é gravado e, portanto, passível de questionamentos e processos judiciais posteriores, os cuidados e esmero naquilo que é passado redobram, principalmente, após alguns escândalos envolvendo líderes da igreja em atos de intolerância religiosa, como o famoso caso da santa que foi quebrada no dia 12 de outubro de 1995, por Sérgio Von Helder, ex-bispo da Igreja Universal do Reino de Deus.

Nogueira (2020) discorre sobre como a linguagem é e sempre foi um mecanismo de manutenção de poder, ajudando a alçar, conservar, ou mesmo destituir algo, ou alguém. Desse modo, o discurso religioso traz, em sua perspectiva, os destaques para os laços afetivos, para a concepção de família e para o compromisso firmado diante do altar. São vozes que envolvem fé, crenças, valores e princípios⁶⁷.

Outro ponto a ser levantado, é o contexto e o “lugar de fala”. Nessa direção, o pastor, um líder religioso, homem, branco, casado e de classe média, aponta, em um contexto atual, a direção para o qual seus seguidores devem ir. Contudo, seu discurso se dirige não somente a homens, como também a mulheres, pessoas pertencentes a qualquer classe social, ou etnia, embora se afunile, de maneira não deliberada, aos de sua mesma religião.

Carmen da Silva, por sua vez, também possui seu lugar de fala, isto é, uma mulher branca, de classe média, psicanalista, jornalista e escritora brasileira, uma das precursoras do feminismo no país, que escreveu seus textos no século anterior, sendo o escolhido para o nosso *corpus*, em específico, na década de sessenta. Seu discurso é embasado no comportamento de mulheres, para que outras mulheres leiam, é um texto também escrito por uma mulher.

O texto de Carmen analisado neste artigo foi originalmente difundido em uma revista voltada para o público feminino, o que, para aquela época, já era um texto progressista, levando-se em consideração que a revista *Claudia* era um manual de como a mulher dessa época devia se comportar para manter seu casamento feliz e estável por muito tempo.

Assim como o pastor, a jornalista, em seus escritos, também versa sobre o casamento, mas sua ótica se volta ao universo do feminino e sua abordagem não se respalda no religioso; pelo contrário, em sua análise de cunho feminista, a ótica acessada é a crítica social, algo inteiramente novo para sua geração, a colocando como uma das pioneiras do feminismo no país. Por isso, não há como deixar de abordar neste trabalho um fator tão importante como o “lugar de fala”, pois, como aponta Cunha (2021),

⁶⁷ Se pensarmos que, no início, os casamentos eram exclusivamente responsabilidade da “Igreja” – no Brasil, o Casamento Civil data de 24 de janeiro de 1890, sendo, pois, relativamente novo –, o peso do discurso religioso era, até então, incontestável e não dava margem para uma “fuga dos padrões”. Isto é, aqueles que não professavam da fé e/ou não casavam de acordo com os ritos religiosos (judaico-cristãos) não possuíam o prestígio daqueles devidamente casados na Igreja, sofrendo, dessa forma, os preconceitos e discriminações sociais.

[...] o olhar do outro se relaciona com o meu em completude, em tensão e, principalmente, em diálogo e esse diálogo não está perdido, livre ou isolado, ele encontra-se demarcado em um determinado lugar de fala, em uma temporalidade específica, embora fluida. (CUNHA, 2020, p. 53)

O jogo da identificação corresponde, portanto, ao quão próximo pode-se chegar a esse “lugar de fala”. Tiburi (2019) explica que mais que um “lugar de fala” temos que também pensar em um “lugar de escuta”, pois

[...] na ordem do discurso, sabemos que não se trata apenas de “quem pode falar?”, mas do fato de que quem fala, fala para alguém. A hegemonia da fala gera obrigação da escuta - uma escuta dócil - que precisa ser pensada. [...] Justamente por isso gera um campo de forças dentro do qual é possível romper com os poderes estabelecidos. (TIBURI, 2019, p. 56)

A autora nos mostra que uma mudança social só é possível ao se desnaturalizar o discurso e repensar esses lugares de fala e escuta, uma vez que essa troca nasce nas tensões vividas pelos sujeitos sociais. Nessa direção, ao discutir sobre o casamento, tanto a jornalista, quanto pastor possuem uma “régua” que mede o que seria o casamento, extraída de seus lugares de fala e de escuta. Isso não pressupõe que essas régua não possam mudar, ou se adequar. Se olharmos de perto, tanto o discurso da Carmen, quanto o discurso do Pr. Cláudio tentam romper com o que era esperado por eles em seus respectivos ambientes de atuação. Como podemos verificar mais detalhadamente, no quadro abaixo, o discurso do pastor, bem como o da jornalista possuem pontos de encontro:

Quadro de comparação entre os dois discursos: Convergências	
Pastor Cláudio Duarte	Jornalista Carmen da Silva
[...] Mas normalmente quando um casal, um marido, uma esposa diz, não, eu já tô tentando há quinze anos, há dez anos, há cinco anos e nada muda. A minha pergunta é: tentou onde? Você foi onde? Que tipo de ferramenta você usou? Provavelmente, você ofereceu perdão porque alguém estava chorando e choro não é sinal de arrependimento, certo, mudança é sinal de arrependimento. Quando alguém chora, mas não muda, isso provavelmente talvez seja remorso ou alguma simulação, certo? alguma coisa de alguém dissimulado. Aprenda a lidar de uma forma séria com seus relaciona-	A convivência requer certo número de concessões. É preciso harmonizar hábitos, conciliar gostos, respeitar o temperamento, as preferências e as características do outro, aceitar com indulgência defeitos normais, pequenas manias inofensivas. (trecho do texto “O hábito de engolir sapo para manter marido a qualquer preço”, p. 65).

<p>mentos e principalmente o conjugal, procure ajuda, certo? tente, e tentativa é diferente de tolerância. (trecho da transcrição do vídeo I).</p>	
<p>[...] quando duas pessoas se unem, inevitavelmente cada uma carrega para esse relacionamento os seus hábitos, as suas maneiras, os seus gostos, certo. Essa pessoa traz consigo informações da família que foi treinado de como reagir, de como lidar com dinheiro, de como lidar com privacidade, de como lidar com contexto familiar. Essas pessoas trazem isso na sua individualidade, e o casamento apesar de respeitar muito a nossa individualidade ele não pode nos fechar individualista, nós não podemos achar que o mundo gira em torno de nós, nós somos o centro e atraímos tudo para girar. Se você tá com a sensação de que o mundo gira em torno de você, é bom procurar um médico porque provavelmente você tá com labirintite. Tenha maturidade para entender, que quem vem viver com você, quem vai se aproximar de você, seja no relacionamento de amizade, seja no relacionamento familiar ou conjugal, é uma pessoa e essa pessoa ela tem o direito de escolher, ela tem o direito de querer, é muito importante. E qual é a grande sacada de um relacionamento? É entender que de vez em quando o desejo do outro prevalece, e de vez em quando o meu desejo prevalece, querer que o meu desejo prevaleça todas às vezes, o nome disso é individualismo (trecho da transcrição do vídeo I).</p>	<p>Ninguém pode abrir mão impunemente dos aspectos básicos de sua personalidade, de seus sentimentos e emoções mais profundos. A dignidade, autoestima, os ideais, a concepção do mundo, as aspirações afetivas não são negociáveis. Nesse terreno, qualquer abdicção leva automaticamente ao desprezo por si próprio e ao consequente rancor contra o parceiro. Renunciando ao fundamental de si mesmo, renuncia-se também ao amor-próprio, sem o qual já não é possível amar a outrem, pois ninguém pode dar o que não tem. (trecho do texto “O hábito de engolir sapo para manter marido a qualquer preço”, p. 65)</p>

Fonte: Elaborado pelas autoras

Essas conexões mostram que sujeitos, em diferentes lugares de fala, podem ter um ponto de escuta em comum. Ora, é preciso entender que os discursos são idênticos, como veremos mais adiante, há pontos em que se distanciam. Entretanto, notar esses pontos em comum nos leva a um novo questionamento: a Instituição Casamento realmente teve mudanças ao longo dessas décadas? Com as revoluções feministas e socioeconômi-

cas, o casamento teve um avanço no grau de escolha, principalmente para as mulheres?

Ao mapear os pontos de convergência pudemos notar que a Instituição Casamento continua sob a tutela do discurso religioso. No entanto, olhando para o teor do, digamos, “sermão moderno” do Pastor, algumas noções como procurar uma “ajuda” externa que não necessariamente a eclesiástica – como mostra o trecho destacado abaixo –, e a abertura para que dentro de um casamento haja “tentativas”, o que pressupõe o erro, mostra um avanço no qual o casamento não deve ser visto como “um fardo” ou como uma instituição que demanda, apenas, obrigações.

Aprenda a lidar de uma forma séria com seus relacionamentos e principalmente o conjugal, procure ajuda, certo? tente, e tentativa é diferente de tolerância. (trecho do vídeo D)

Fonte: Elaborado pelas autoras

Além dos pontos de Convergência, também podemos verificar os pontos de Divergências, como segue no quadro abaixo:

Quadro de comparação entre os dois discursos: Divergências.	
Pastor Cláudio Duarte	Jornalista Carmen da Silva
Casamento dentro do plano divino	Casamento como um construto social
Deve se buscar a solução para o mal-estar no casamento	Deve se buscar a solução para o mal-estar do indivíduo.
A mulher não ocupa um lugar central	O texto se centra na perspectiva feminina

Fonte: Elaborado pelas autoras

Conforme podemos constatar, embora tenham muitos pontos em comum, não há como não atinar para as divergências, pois, como já mencionado, são sujeitos que possuem sua própria história, conhecimento de mundo, com lugares de fala distintos e que possuem focos discursivos também distintos.

Percebemos, por exemplo, que os discursos do Pastor Cláudio Duarte estão impregnados pelo discurso religioso, que coloca o casamento como parte essencial de um plano divino, sendo, portanto, imutável, inquebrável e que necessita ser cuidado e valorizado. A jornalista, por sua vez, mesmo que entenda a influência da religião dentro do casamento, opera sobre a premissa de que este é um construto social; logo, pode e deve ser moldado para melhor se adequar aquilo que a sociedade está necessitando.

Nesse viés, enquanto o Pastor traz, em seu discurso, conselhos para manter o casamento, mesmo que isso necessite de intervenção de outros, como os líderes religiosos, psicólogos e até outros médicos, ou ainda, uma reformulação dos papéis⁶⁸, para que assim, o casal possa disfrutar juntos do relacionamento que é uma ordenança divina; a jornalista também aconselha sobre a melhor forma de viver o casamento, sem, contudo, colocá-lo acima do bem-estar individual. Isso nos leva ao segundo ponto de divergência.

É possível verificar, dessa forma, que o discurso de Carmen da Silva busca solucionar os problemas dentro do casamento, não por ser este último uma instituição suprema e divina, mas para que o indivíduo possa sair do mal-estar vivido pelas cobranças e posturas esperadas, principalmente aquelas esperadas para as mulheres, resolvendo a tensão do sujeito. Essa busca é individual, porém não necessariamente individualista. A jornalista não instiga suas leitoras a saírem de seus casamentos e abandonarem suas famílias, mas busca orientá-las a não “engolir sapos”, isto é, se imporem enquanto indivíduos dentro do relacionamento e, em último caso, sair de relacionamentos que as agridam. Isso mostra que enquanto o discurso religioso, na figura do Pastor, ainda é engessado para as questões do divórcio⁶⁹, a fala de Carmen mostra um discurso à frente de seu tempo, mostrando que o indivíduo é mais importante que a legalidade do casamento.

Por fim, a última divergência se encontra no público-alvo das respectivas postagens. Por seres produções que possuem décadas de distanciamento, é possível notar, ao fazer a comparação diacrônica, algumas perspectivas diferentes sobre o que seria, ou não, uma crise no casamento, ou ainda como a figura da mulher seria descrita.

Antes de tudo, é possível verificar que o texto de Carmen centra-se exclusivamente na perspectiva feminina, pois é uma mulher escrevendo para mulheres. Já os vídeos do Pastor Duarte utilizam um tom genérico, a mulher não ocupa o lugar central, ela seria a co-protagonista em um cenário mais geral. Esse ponto é muito importante, pois nos leva a algumas considerações, sendo elas: i) Ao longo dos anos, o casamento deixou de ser obrigação apenas da mulher, sendo, pois, uma responsabilidade compartilhada, ii) As mulheres não estão mais dispostas, devido às mu-

⁶⁸ No que o Pastor aponta como individualidade e individualismo, ou ainda sobre tolerância ao invés de só suportar.

⁶⁹ Embora o divórcio para a religião protestante seja tratado de maneira mais leve que na religião Católica, ele ainda é considerado um tabu.

danças sociais e econômicas, mesmo no meio religioso, a serem uma subcategoria, iii) Os desafios, embora diminuídos, ainda existem.

Se atentarmos para as descrições feitas por Carmen da Silva, verificamos que muitas das atitudes e considerações sobre o que é ser mulher e sua posição dentro do casamento ainda continuam, enquanto outras já foram suavizadas pelas mudanças sociais, fruto de lutas de décadas do feminismo. A própria descentralização das obrigações conjugais, do discurso do pastor, colocando tanto o homem quanto a mulher como responsáveis pelo bom funcionamento do casamento, demarcam essas mudanças.

5. Considerações finais. Será?

Ao longo dos tempos, o conceito de “casamento” agregou a si novos valores, princípios e comportamentos. Diante das mudanças socioculturais, aqui descritas, é possível inferir que o humor nas postagens do Pastor Claudio Duarte, bem como os conselhos tecidos por Carmen da Silva, nos levam a crer que o casamento não deve mais ser visto como “um fardo” ou como uma instituição que demanda, apenas, obrigações.

Levando em consideração a fluidez e a ação que tempo provoca nos estratos sociais, podemos afirmar que a Instituição Casamento sofreu e continua sofrendo mudanças, principalmente no quesito “comportamento”, em que os casais podem moldar os papéis de marido e mulher, de acordo com suas próprias crenças, sendo elas baseadas na religião, ou não. Isso mostra que os lugares de fala e escuta têm se movido, mesmo que sutilmente, a princípio, e ressignificado o papel da mulher dentro do “casamento”, quiçá dentro da sociedade.

Os resultados indicam, assim, que, na modernidade tardia, há liberdade de escolha, isto é, as mulheres têm o poder de decidir sobre seu estado civil, graças às mudanças socioculturais, principalmente o ingresso no mercado de trabalho e a consequente independência financeira. No entanto, no caminho para essa independência, muitos sapos foram perdidos, e talvez, ainda haja muitos sapos engasgados, invisíveis, provavelmente, à luta feminista. A isso, Del Priore chamou de Permanência.

Por fim, intencionamos desenvolver trabalhos futuros que contemplem as mudanças sociais nos papéis femininos de esposa e de dona casa, levando em consideração as mudanças comportamentais, a liberdade sexual das mulheres, a brusca redução no número de filhos – decor-

rente do acesso a métodos contraceptivos modernos e seguros – e a possível divisão de tarefas no lar. Acerca desta última temática, Carmen da Silva tem muito a nos dizer, quando escreveu o artigo “Não bote o avental no seu marido”. Será que as mulheres ouviriam este conselho?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CIVITA, Laura Taves (Org.). *O melhor de Carmen da Silva*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1994.

CUNHA, Danielle Brito da. *Penso e (Re)Posto, Logo Existo: Uma Análise Dialógica das Identidades através do signo #Enemfeminista*. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem). Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, 2020. 203f.

DEL PRIORE, Mary. *Sobreviventes e guerreiras: uma breve história das mulheres no Brasil de 1500-2000*. São Paulo: Planeta, 2020.

FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Brasília: Universidade de Brasília, 2008.

LEMOS, C. T. *Religião, gênero e sexualidade*. O lugar da mulher na família camponesa. Goiânia: UCG, 2005.

MEIRA, Guianezza Mescherichia de Góis Saraiva. *Mudanças discursivas e sociais (ou vice-versa?)*: Estudo crítico da constituição identitária feminina nas cartas do leitor da revista *Claudia*. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, 2012. 110f.

_____. *Permanências e rupturas nos discursos femininos*: estudo crítico na Fanpage *Claudia Online*. Tese de doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, 2016. 180f.

MELO, Mônica Santos Souza (Org.). *Reflexões sobre o discurso religioso*. Belo Horizonte: Núcleo de Análise do Discurso, Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Faculdade de Letras da UFMG, 2017.

NOGUEIRA, Sidnei. *Intolerância Religiosa. Feminismos Plurais*. (coord.) Djamilia Ribeiro. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2020.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

SZTOMPKA, Piotr. *A sociologia da mudança social*. Trad. de Pedro Jorgensen Jr.; 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

TIBURI, M. *Feminismo em comum*: Para todas, todes e todos. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.

Outras fontes:

As postagens de @claudioduarte são de domínio público no Instagram. Acessados em 12/02/2020.